



# A mais bela casa de Portugal

ANÍSIO FRANCO

Devo explicar-me. Fá-lo-ei sob a forma de impressões, aquelas que experimentei quando visitei esta casa há alguns anos. Na altura, poderia ter tirado fotografias que hoje me avivariam a memória, mas prefiro assim, porque sei que a memória é uma construção e a velha divisa “quem conta um conto acrescenta um ponto” está, mais do que nunca, vigente. Sabe-se que a mente humana cativa apenas os detalhes que lhe importam; a reprodução dessas memórias é carregada pelo resultado da soma das nossas experiências e sempre que se volta a contar uma história algo se acrescenta de novo. A memória é viva e renova-se.

Lembro-me de ter subido uma monumental escadaria. São as escadas que conferem a categoria de palácio às casas portuguesas. A esta conclusão chegou José Sarmiento de Matos quando escreveu *Uma Casa na Lapa*.

Depois, atravessei as salas, primeiro as grandes, de aparato, de dimensões majestosas, naquilo que se poderia adivinhar terem sido a das armas e outras de representação. Esta grandiosidade é-lhe conferida pelos volumes dos espaços, pelas proporções, pela luz, pelas cores das paredes, enfim, pela singeleza dos lambris de azulejos. Desengane-se quem imaginar que o aspecto palaciano lhe advém de tesouros artísticos e decorativos de gosto barroco. Não. Nada disso. De pinturas, lembro-me apenas de algumas, nomeadamente uma série de retratos de antepassados, de móveis, poucos, mas tudo respira dignidade.

Depois continuámos a viagem, metendo-nos “por um corredor (havia-os muito compridos, estreitos e tortuosos, com janelinhas de grades, que não se podiam percorrer sem angústia), virar para um patamar, subir uma escada cúmplice”. “Eram tantas as voltas, os desvios,” que nos podíamos perder, e tínhamos de espreitar por “uma janela sem vidros para perceber, pelo aspecto do pátio, pela perspectiva do jardim, em que ala do palácio nos encontrávamos”.

Este caminho era “feito de quartos escuros e de quartos soalheiros, de aposentos luxuosos ou miseráveis, vazios ou apinhados de restos de móveis heterogéneos”.

“As incursões naquele edifício quase ilimitado eram intermináveis; partia-se como para uma terra desconhecida, e era de facto desconhecida porque em alguns daqueles aposentos perdidos” ninguém nunca tinha estado, costumavam dizer os antepassados, “que um palácio de que se conhecem todos os aposentos não é digno de ser habitado”.

Efectivamente, aquilo que transforma esta casa num exemplar especial é o seu posicionamento perante a paisagem. Depois de atravessar as muitas salas da casa, tudo desemboca numa imensa varanda, que se abre sobre a muralha da vila de Serpa. Ali, sucedem-se imagens entre o real e a fantasia. Imaginei, ou quase revi, a varanda habitada por senhoras vestidas de crinolinas, num fim de uma tarde soalheira, empunhando os seus pequenos guarda-sóis de seda estampada com cabos de madeira exótica e castão de prata ou de pedras semipreciosas. Todas elas dispostas de forma ajustada, como se de uma encenação teatral se tratasse.

A varanda tem longa continuidade por cima do adarve de um dos troços da muralha, tendo de um lado o laranjal do jardim da casa e do outro a paisagem aberta. Este percurso vai encontrar os arcos de um aqueduto que, no século XVIII, foi construído para levar água ao palácio.

Claro que tudo isto são imagens que têm apenas um paralelo e as citações aqui feitas só poderiam ser retiradas de *O Leopardo*, de Lampedusa, e do filme com o mesmo nome, de Visconti. Se há alguma casa em Portugal que poderia servir de cenário ou inspirar este romance seria exactamente o Palácio dos Condes de Ficalho, em Serpa. Por tudo isto, e não só, posso afirmar: esta é a mais bela casa de Portugal.